

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

THEO STORCHI DA ROCHA

SUJEITO TEMPO ESPAÇO: O Processo Criativo e a Origem das Idéias

Porto Alegre

2014

Theo Storchi da Rocha

SUJEITO TEMPO ESPAÇO: Processo Criativo e a Origem das Idéias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Edson Luiz Andre de Sousa

Porto Alegre

2014

Agradecimentos:

Agradeço primeiramente aos meus pés que me sustentaram até aqui, e se mantiveram leais às minhas vontades e comandos (exceto no futebol). Meus queridos, se não fosse por vocês, eu não estaria aqui. Amém.

Depois, à minha mãe e ao meu pai, que, heroicamente, me aguentam e me mantêm nesse mundo. Se não fosse também por vocês, eu não estaria aqui. Namastê.

Ao Diego e ao Daniel, que me fazem acreditar numa relação a três (aberta e poligâmica), e por terem tanta paciência com minha genialidade e indisciplina.

À Júlia, não sei nem por onde começar a justificar.

Aos Guilhermes da minha vida, ao Jahn pela paz, ao Dal Sasso pela guerra.

Ao Coletivo Música da Casa Verde, pelo som, pela ceva, pela amizade e pela produção coletiva e fraterna.

À Fratura Exposta, por fazer tensão soar pra mim como o canto dos pássaros. *Isso* sim é aprendizado para a vida.

Ao Edson, meu orientador, pela paciência e tolerância.

À Georgia, pela paciência e tolerância.

E, finalmente, ao Kurt Vonnegut, por ser um escritor tão fenomenal.

“Coisas da vida”

Kurt Vonnegut

Resumo:

Este trabalho pretende fazer uma abordagem itinerante em torno dos temas que tratam do processo criativo, a partir da concepção vonnegutiana de tempo, e de concepções junguianas de complexo e ideia. O ato de criar será trabalhado a partir de uma visão de sujeito simbiótico com o tempo e o espaço, ainda que em trânsito constante entre estes. Assuntos como autoria e propriedade intelectual serão ridicularizados.

Palavras-chave: processo criativo, tempo, sujeito, espaço.

Sumário:

1 – Introdução.....	7
2 – SUJEITO TEMPO ESPAÇO.....	9
3 – Parte I – Idéias são pessoas?.....	12
4 – Parte II – A Egrenagem Imprópria.....	15
5 – Parte III – Pessoas são idéias.....	18
6 – Parte IV – O Tempo e a Espontaneidade no Processo de Criação.....	20
7 – Parte V – Um Geraldão de Tudo.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

Introdução (ou “Olá, leitorx!”):

“Você pode ter feito aquela afirmação só para ver se acredita nela ou não”

E. Hemingway

Quando algum ignorante surge em algum veículo de mídia defendendo a volta da Ditadura Militar no Brasil, com faixas dizendo “INTERVENÇÃO MILITAR JÁ”, essa pessoa não consegue evitar parecer cada vez mais ignorante a cada baforada de gás carbônico que ela emprega para soltar suas palavras na atmosfera.

Uma dessas curiosas criações do Criador do Universo apareceu num documentário feito pela Folha de São Paulo. Ele afirma, com orgulho, que é um ser “85% politizado”.

Mal sabe ele que é impossível ser menos de 100% politizado. Até suas células reprodutoras, que possuem apenas 50% da carga genética de um ser humano, transbordam política, mesmo quando nadam inocentemente em um fluido gosmento.

Obviamente eu falo isso sem nenhum respaldo científico. Eu não li nada na *Cientific American* sobre correlação entre espermatozóides caucasianos da elite paulista e política. Isso foi só uma idéia que a brisa outonal porto-alegrense soprou ao pé do meu ouvido: “Esse cara se diz menos politizado do que os dedos de seus pés”.

E esse foi o tipo de escolha que eu fui fazendo na execução desse trabalho: você verá que há mais das idéias em que tropeço quando ando na rua do que idéias extraídas de artigos científicos. Aliás, você verá nas referências bibliográficas que há mais citações de romances, prosas e poesias do que de livros técnicos.

E para ser bem contraditório aqui, como o bom ser humano que sou, vou explicar porquê eu fiz isso citando um livro de neurociência.

Jonah Lehrer escreveu o livro “Proust Foi um Neurocientista” para provar que a arte antecipa a ciência: as grandes descobertas feitas sobre a mente humana na área acadêmica foram todas precedidas por grandes artistas. Stravinsky, quando compôs a atonal e tormentosa Sagração da Primavera, acreditou na plasticidade do cérebro, em adaptar-se a novos sons, abrindo caminho para novas sonoridades e a música moderna.

Marcel Proust, em “Em busca do tempo perdido”, antecede um modelo de entendimento da memória que só foi publicado como artigo científico em 2003. Lehrer usa romancistas, músicos, pintores e até cozinheiros, todos modernistas, para ilustrar a ideia que defende. “Mas o que estes artistas fizeram foi simplesmente não traduzir fatos da ciência em formas belas e novas. Isso seria fácil demais. Ao explorar as próprias experiências, expressaram o que nenhum experimento poderia ver. Desde então, novas teorias científicas surgiram e desapareceram, mas essa arte resiste tão sábia e retumbante como nunca” (LEHRER, 2009).

Ademais, Jung afirma em “Símbolos da Transformação”:

A psicologia não pode prescindir da contribuição das ciências do espírito, sobretudo da história do espírito humano. É sobretudo a história que hoje nos permite coordenar a imensa quantidade de material empírico e reconhecer a importância funcional dos conteúdos coletivos do inconsciente. A psique não é uma coisa dada, imutável, mas um produto de sua história em marcha. Assim, não só secreções glandulares alteradas ou relações pessoais difíceis são as causas de conflitos neuróticos; entram em jogo também, em igual proporção, tendências e conteúdos decorrentes da história do espírito. O entendimento psiquiátrico do processo patológico de modo algum possibilita o seu enquadramento no âmbito geral da psique. Da mesma forma, a simples racionalização é um instrumento insuficiente. A história sempre de novo nos ensina que, ao contrário da expectativa racional, fatores assim chamados irracionais exercem o papel principal, e mesmo decisivo, em todos os processos de transformação da alma (JUNG, 2011)

Não quero, muito menos gostaria, de opor arte e ciência. Eu sou a tentativa de equilíbrio. Mas, quando durante a escrita precisei fazer escolhas, escolhi pelo espontâneo, em acordo com T.S. Eliot, em *Tradition and Individual Talents*, quando afirma que “muito conhecimento amortece ou perverte a sensibilidade poética” (ELIOT, 1989).

Não subestime suas idéias.

Tem algo mais espontâneo que isso?

SUJEITO TEMPO ESPAÇO

“Quando o deserto (da alma) começa a dar frutos, vai produzir uma vegetação estranha. Tu te julgarás louco e, em certo sentido, serás louco.

C.G. Jung

Meus sinceros parabéns! Você está aqui. “*Está*” é um termo engraçado, mas não falaremos nele agora. Tratemos do “*Você*” antes. O que importa neste momento é que é uma inestimável proeza que você existe.

Pense que pelo menos até a data de hoje, acredita-se que o surgimento da vida se deu há 3,8 bilhões de anos. Isso é tanto tempo quanto vidas que passaram. Pra que *você* exista, foi necessário que bilhões e bilhões de seres vivos realizassem a épica façanha de se reproduzir antes de ser morto de fome.

Ou jantado, ou esmagado, ou queimado, ou afogado, ou aprisionado, ou simplesmente apagado, antes de, com sucesso (e com um parceiro específico) passar adiante uma pequena carga genética. Mas não qualquer carga genética. A única sequência possível de unidades proteicas, durante uma quantidade imemorial de tempo, que pudesse gerar, especificamente, *você*.

Mas não sinta-se tão *você* ainda. O que constitui sua matéria já foi muitas outras coisas. Aqueles átomos e moléculas que, aos infinitos, constituem suas células, já foram oceano, coelho e dinossauro. Árvore, terra, cinza. Ar, nuvem, fruta e flor. E incontáveis outras coisas. *Você* já foi muita, mas muita coisa. Não obstante, agora, neste momento, inevitavelmente, “você está aqui”.

“*Está*” também é um termo instigante. Na língua inglesa, o verbo *to be* significa tanto “ser” quanto “estar”. Uma ótima lição sobre o ser e o estar é se dar a oportunidade de ouvir alguém cuja língua materna é o inglês, tentando falar português. Ao trocar o “ser” pelo “estar”, as vezes dizem que são um lugar. “Eu era aquela cachoeira, mais ao

sul da cidade”. Ou, quando vão se definir por alguma coisa dizem que *estão*, ao invés de “são”.

Dessa forma, não só um suposto “eu” deixa de ser, para virar um lugar, quanto uma suposta definição, estática e atemporal, possivelmente inalterável, vira um estado momentâneo – atrela uma noção de sujeito, e de eu, ao tempo. Como em, ao invés de “eu sou teimoso”, me torno “eu estou teimoso”.

Se minha língua materna fosse o inglês, eu poderia cometer a gafe de dizer, ao invés de “Você está aqui”, algo como “Você *é* aqui”.

O que me remete de novo à história do átomo, e que de fato eu e você já fomos muita coisa diferente.

E mesmo assim, agora, você está aqui. O que me leva a pensar o sujeito como inteiramente simbiótico com o momento. Me parece impossível não atrelar uma noção de ser, e de sujeito, ao momento, ao agora, e ao “aqui”. Assim como diz Alice, quando encontra a lagarta (Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll): “(...) *I know who I was this morning, but I think I must have been changed several times since then*”.

“Aqui”.

Desde que eu vi o documentário da Estamira (2004), dirigido pelo Marcos Prado, eu penso no aqui. Diz Estamira: “Eu, Estamira. Estamira está. Estamira está aqui. Estamira está lá. Estamira está em todo lugar”.

São ótimas palavras, mas são da Estamira. Mas eu gosto do que ela fez com o espaço. Ela o fez uno. Uno, mas ainda assim, múltiplo, e eterno.

É basicamente o que, neste trabalho, eu vou dizer sobre o tempo.

Quando Kurt Vonnegut escreve sobre a Segunda Guerra Mundial, no seu romance Matadouro 5, faz com que seu personagem Billy Pilgrim seja abduzido por uma raça alienígena, que vê cada momento como um inseto preso em âmbar – algo inalterável: “O momento simplesmente *é*” – e sempre o será. (VONNEGUT, 2006)

Esta raça, incapaz de ver o tempo como cronológico, mas simplesmente simultâneo, vê “os humanos como incríveis centopéias humanas, com pernas de bebês

numa ponta e pernas de velhos na outra”. E, quando olham pro céu, podem ver onde uma estrela está indo, de forma que o universo parece cheio de espagete luminoso.

Mas assim como todo o momento é eterno e todo o agora é infinito, ao mesmo passo que ele pesa toneladas, o momento não é nada. É quase como se ele não existisse. Peter Pal Pelbart fala do presente como o mero processo de transformação do futuro em passado (PELBART, 2013). O momento seria justamente a brevíssima ausência do tempo, dado que ele nada mais é que um processo de tradução: possibilidade se torna fato, chance se torna dado. O futuro se traduz em pretérito – aqui e agora. Jorge Luis Borges já diria: “O presente não se detém”. O infinito da experiência e a vastidão do viver ficam reduzidos a um tempo verbal que *não é* – e se ele não é tempo, não seria eterno?

Me parece imprescindível, em um trabalho cuja temática trata do processo criativo, e da origem das ideias (já estou chegando lá!), uma abordagem do tempo. E é assim que vamos tratá-lo: não existe “tempo”. Tempo é momento; todo momento é uno, e todo momento é simultâneo. E, mesmo assim, todo momento é eterno.

E não só o momento é tempo como é local. Este momento é, e está, aqui. *Aqui.*

Você está aqui?

É dentro desse paradoxo que atento para a concepção de sujeito, e de idéia. Ainda que seja uma façanha que tu existas, (dados os zilhões de unidades proteicas especificíssimos, sobreviventes por zilhões de anos), é impossível especular se você *não fosse*, ou o que seria. Ainda que o espaço seja um, ele é vários. Ainda que o agora seja breve, ele é eterno.

Trago tudo isso por que, quando penso pessoa, penso nesses três termos:

“Você” – que só pode ser você, mas só pode ser pensado se atrelado ao – “Está” – que o amarra e o torna dependente do – “Aqui” – que indica o frágil (ainda que inalterável) momento.

Coincidentemente, quando penso na ideia, penso nesses três termos também. A ideia não só se dá em momento e local, como esteve latente, e por um bom tempo, até se tornar idéia. E percorreu um bom e inusitado caminho para isso.

E as vezes, penso que pessoas são ideias. E, portanto, que ideias são pessoas.

Para dizer que ideias são pessoas, precisarei falar um pouco de Jung.

E para dizer que pessoas são ideias, vou precisar de um velho instrumento dialético.

Vamos, portanto, por partes.

Parte I: Ideias são pessoas?

“Eu e tu, cara! Vou te dizer o que nós somos: Nós somos dois loucos! Loucos, que estão sempre atrás de alguma loucura”

José Ramiro, “Ceco”, jornalista e morador de rua

Escute:

Quando fui tocar em São Paulo, pela banda Fratura Exposta, fiquei muito intrigado. O que aconteceu é que fomos tocar na Virada Cultural. E depois da noite em que tocamos, fui dormir as oito da manhã, enquanto o sol incidia sobre um papel de parede branco cheio de flamingos rosa. Flamingos em várias poses, de cabeça pra cima e de cabeça pra baixo. E quando adormeci, tive um sonho:

Eu contemplava um aparelho celular que possuía um botão que era um buraco sem fundo. Olhava-se para dentro do botão e não havia nada lá dentro, só um túnel infinito. Eu ficava muito intrigado, então Jack Nicholson aparecia, e dizia, com uma boca enorme sorrindo: “Well, I guess that is just one deep, deep hole! Hahaha!”.

Para entender um pouco do valor desse sonho durante essa viagem (por alguma razão, quando eu viajo meus sonhos ficam muito peculiares), vou precisar pegar um pouco de conceitos que Jung desenvolveu estudando a psicose. Um desses conceitos, de importância extrema para o que eu pretendo dizer nesse trabalho, é o de “Complexo”.

O complexo, de acordo com a teoria junguiana, nada mais é que um aglomerado de idéias, imagens e palavras, munido de uma tonalidade emocional (afeto). E a psique

seria formada de muitos e muitos e muitos complexos. Para mim, a ideia seria análoga ao complexo: um redemoinho de imagens que formam uma emoção. Quase como uma bolha.

E o ser, tanto no sentido de ser como no sentido de ser humano, seria como água com gás, fazendo glub glub glub e borbulhando cem por cento do tempo, gaseificado ao infinito.



Agora, escute:

Jung teve uma aluna que teve uma sacada genial. Iolande Jacobi escreveu um livro chamado “Complexo, Arquétipo e Símbolo”: “Faz parte da natureza dos complexos o fato de que podem aparecer de forma personificada”. Ademais, complexos que permanecem inconscientes só aparecerão de forma projetada (JACOBI, 1990).

A ideia da possibilidade de não nos relacionarmos com pessoas, mas com bolhas que nos constituem me instiga ao mesmo tempo em que me apavora. Quando sinto raiva de alguém, reajo negativamente a um conjunto de ideias minhas que considero

desgraçadas, como egoísmo, arrogância e ganância. Mas nem preciso me concentrar muito para me identificar em situações sendo egoísta, ganancioso ou arrogante.

Portanto, é desnecessário dizer que eu não sonhei com Jack Nicholson de fato. Aliás, eu sequer reconheci-o pela aparência, mas sim, pela sensação que ele causa em mim: A ideia de que no humor e na irreverência está a Verdade, e de que a vivência e a experiência são mais divinas que o entendimento e a compreensão do fenômeno, veio no sonho, e eu me dei conta de que deveria aproveitar as oportunidades que surgiam durante uma viagem a trabalho. Se o botão é sem fundo, mais vale dar um mergulho nele do que contemplá-lo de fora.

Jacobi fala bastante da autonomia dos complexos. É uma idéia junguiana que inspira leveza e até despatologização no conceito de “surto”, afinal, somos todos, por vezes, tomados por complexos. Aliás, relacionamos-nos com eles como nos relacionamos com os sentimentos e idéias que temos: assim como podemos ser possuídos por elas, podemos nos tornar obcecados, ou negá-las, ou qualquer outro tipo de ação humana frente a um estímulo. Fascínio, indignação, apaixonamento, resignação. Contemplação. Tristeza, desprezo, apreço. Amor, ódio, indiferença. Susto!

Escute:

A ideia é autônoma, e viva. Ela é não é como uma pessoa, ela *é* uma pessoa.

Jung, quando rompeu sua relação de profundo amor com Freud, entrou em parafuso. Os junguianos normalmente odeiam essa ideia, mas, pra mim, ela transborda em beleza. Enquanto o Jung fritava os neurônios, surgiam mil e um tipos de pessoa trocar uma ideia com ele, e ele debatia com as alucinações noite adentro, para depois escrever sobre a experiência. Esse resultado está no Livro Vermelho. É dali que eu tirei a citação que abre os trabalhos nesse escrito.

Uma das ideias centrais, expressa zilhões de vezes, consiste em que a única vivência que há, de si e das coisas externas, é a vivência interior. A própria loucura e as próprias representações do mundo que nos cerca, são a única coisa que existe. É como se a pessoa mais louca do mundo dissesse: “Eu sou mais eu”.

É mais ou menos isso que a Estamira me diz quando ela chama a médica que prescreve os medicamentos de “gravador”. É mais ou menos o que eu tento fazer nesse

trabalho: a apreensão e experiência pessoais sempre serão maiores e mais interessantes que o encaixe – como quebra-cabeça – com a conceituação alheia.

Outro autor revolucionário – e quase profético, em termos geopolíticos da atualidade – que enaltece a narrativa e vivência pessoais dos fatos é Hunter S. Thompson. Como jornalista, foi pioneiro ao ir contra a corrente utópica jornalística de ser parcial, e criou o jornalismo Gonzo, através do qual reportava apenas suas próprias impressões dos fatos, criando um registro colossalmente mais preciso do que um relato impessoal daquilo que o cercava.

Enfim, digo isso para finalizar a discussão no tópico “Ideias são pessoas”. A única experiência real é a experiência de si. E em nós, as ideias são vivas, e elas nos afetam. À noite, convivemos com elas como convivemos com pessoas. Relacionamo-nos com elas dessa forma.

Seguiremos estudando essa ideia quando tratarmos da questão de que pessoas são idéias. Este seria, teoricamente, nosso próximo capítulo, mas vamos dar um pulo de volta em 2012, o ano do suposto fim do mundo. O tempo, afinal, nunca foi nem nunca será cronológico.

Parte II: A Engrenagem Imprópria

“O que pode ser mais idiota que esperar?”

Kim de Souza, 2012

Em um trabalho sobre processo criativo, nada mais justo que falar do único processo criativo que eu vivenciei: o meu.

Quando me sobrou algum trocado no bolso, nos idos tempos de 2011, eu comprei uma máquina de escrever para ver se a escrita datilografada em formato físico e concreto afetava o meu processo de criar.

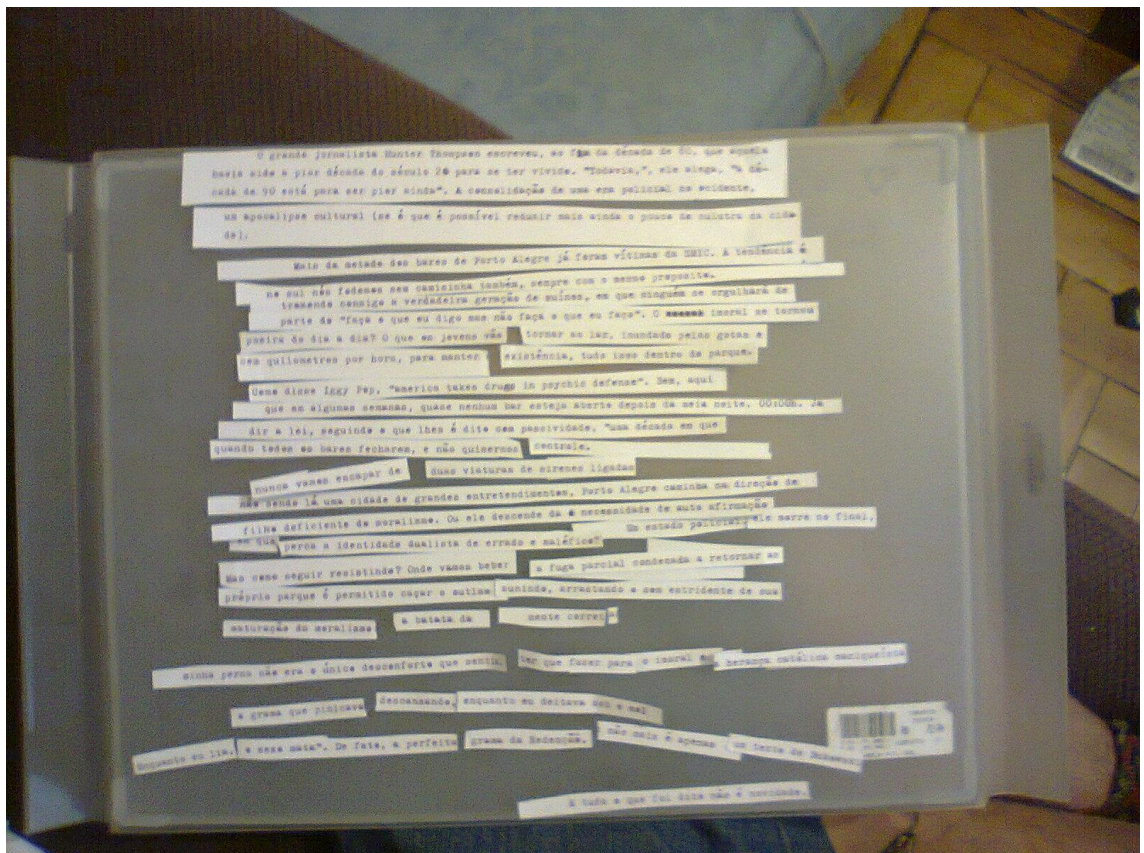
Na época, foi uma grande revelação para mim, a escrita concreta. Descobri que um texto que se pode pegar na mão, cheirar ou comer não é só um texto: é um

brinquedo, ao mesmo tempo em que é uma arma. Por vezes eu senti, autenticamente, *poder*.

Poder e brincadeira são duas coisas bem salgadas de se misturar, especialmente para alguém de vinte anos de idade. E, logo logo, descobri que um senhorzinho chamado William Burroughs – um cara que possuía uma escrita fenomenal. William Seward Burroughs nasceu em St. Louis no ano de 1914. Formado em letras, encabeçou o movimento *beat* na literatura norte americana juntamente com Jack Kerouac e Allen Ginsberg. Suas obras mais reconhecidas são *Junky*, um dos mais crus relatos autobiográficos sobre drogadição, e *Naked Lunch*

Ele desenvolveu uma técnica chamada cut-up. Ele recortava trechos de algum texto seu e colava em outro. Era uma forma de chegar a uma escrita que jamais seria efetuada naturalmente. Recorta-se uma fração de momento, e cola-se em outro. O resultado disso é *pura* criação, provinda da mais divina aleatoriedade.

Esse foi meu primeiro cut up.



O lance com o cut-up é que, de uma forma completamente sem sentido, ele faz muito sentido. A construção de uma frase que jamais seria construída num processo

linear e cronológico da escrita, ao invés de se tornar balbuciadas perdidas sem nexos, esconde uma beleza louca, muitas vezes mais precisamente apropriada do processo e da realidade do escritor do que ele próprio.

Eu fiquei completamente vidrado no cut-up. Era a coisa mais pura que eu já tinha vivenciado: mais puro que isso, só a total ausência de palavras. Colei cut ups ao meu redor, pelo quarto. Dei cut ups de presente. As vezes eu ainda faço isso, quando não sei o que dar de presente.

Fiquei tão fascinado que levei o cut-up para além da máquina de escrever. Ficava tentando recortar as coisas que as pessoas me diziam quando a voz delas ainda estava no ar. E os resultados eram melhores ainda. Essa foi a origem de um dos meus maiores cut-ups, e onde eu acabei descobrindo a Engrenagem Imprópria, um ótimo dispositivo dialético – o que, na verdade, quer dizer que a Engrenagem Imprópria havia me descoberto.

Era tudo bem básico: a Engrenagem Imprópria era um mero potinho de vidro com tampa de rosquear. Insere-se a frase original, ou o fato. Fecha-se a tampa bem fechado pra não escapar nada e sacode bastante pra reação química ocorrer bem catalisada. Depois, extrai-se o improvável por trás do original.

Nos casos mais simples, a Engrenagem Imprópria só sacudia sujeito e objeto. Com frases mais complexas, as possibilidades se tornavam infinitas. E por aí vai.

É estranho pensar que eu tenha ficado tão pasmo com algo tão simples, mas na época realmente me afetou. Lembro que tudo fazia um sentido *descomunal* pra mim.

O fato de que eu começo uma frase pelo começo e termino no fim – tanto oralmente quanto na escrita – de uma maneira linear e cronológica tende a me fazer me apegar a um suposto tempo que vai sempre do antes para o depois. Me amarra, e amarra meus atos a um sistema de ação-consequência, como se todos os fenômenos no planeta Terra fossem causais. E eles não são, porque o tempo é tão puramente aleatório quanto o cut up de Burroughs.

A Engrenagem Imprópria me libertou desse falso moralismo, e do senso de que a humanidade está de fato *avançando*. Fui apresentado ao outro lado do processo de criar: o fato de que eu fui, sou e serei criado pelo processo. Eu escrevi, escrevo, e

sempre escreverei aquele primeiro cut up que eu citei acima, ao passo que aquele cut up me escreveu, me escreve, e sempre me escreverá.

É um pouco do que aconteceu com a escrita desse trabalho: por mais que eu tenha planejado caminhos – raízes, bifurcações, destinos – para a escrita, eu não pude ignorar que foi a escrita que me levou até aqui.

O papel da Engrenagem Imprópria nesse trabalho não é de apenas trocar a frase “idéias são pessoas” para “pessoas são idéias”. O papel da Engrenagem Imprópria nesse trabalho consiste em mostrar que o tempo é um cut up – e que o cut up é um tempo. Isso é importante ter claro quando tratarmos do *processo*: o céu não é estrelado, ele é espaguete luminoso.

Lembra da frase que foi nosso ponto de partida, “Você Está Aqui”? Eu trago a Engrenagem Imprópria para me ajudar a falar do processo de criar, porque se colocarmos “Você Está Aqui” na Engrenagem Imprópria, obteremos “O Aqui Está em Você”.

Parte III – Pessoas são idéias

“Nenhum poeta e nenhum artista de qualquer ofício produz sentido integral sozinho”. (ELIOT, 1989)

Como músico, eu não posso deixar a música de lado. Eu bem que gostaria. O silêncio é um remédio para a existência, mas eu não consigo.

A música é o perfeito exemplo da autonomia e da transitoriedade da idéia quando ela passa pelo corpo humano. O músico é aquele que mais pode ter certeza, e se assegurar, de que ele é só um *instrumento* da idéia, um escravo da sua divina espontaneidade.

Jimi Hendrix, quando perguntado sobre como fazia *tão bem* o que fazia, ele simplesmente foi sincero o suficiente para dizer “Eu não sei, eu só faço”.

Jack White, quando perguntado sobre o famoso *riff* de Seven Nation Army – que na época estava sendo levado até aos estádios de futebol, pelas torcidas – teve a humildade de dizer que ele nunca pensou na melodia. “Ela só estava ali, e me usou pra se transformar em melodia”.

O Pink Floyd, quando fala do Dark Side of the Moon, fala do papel do erro nas sutilezas que caracterizam o album. Os acordes de piano que encerram Breathe foram resultado de um erro durante um improviso, assim como em The Great Gig in the Sky.

O termo “autoria” só perde em ridicularidade para o termo “Propriedade Intelectual”. Ninguém é autor, e muito menos tem *propriedade* sobre o que criou. Aliás, muito pelo contrário. Algumas idéias se tornaram proprietárias de seus executores, fazendo com que eles não fizessem nada diferente ao longo de sua vida. São as idéias que escrevem as pessoas, e elas não são fruto de genialidade individual, elas são fruto do tempo.

“Não dizemos apenas que o novo vale mais porque se encaixaria, mas sim que a sua conformação ao passado é um teste do seu valor – um teste, é verdade, que só pode ser aplicado de maneira lenta e prudente, pelo fato de nenhum de nós ser um juiz infalível da conformidade. Assim, dizemos: isso aparentemente se conforma e talvez seja singular, ou isso é aparentemente singular e pode se conformar; mas dificilmente descobriremos qualquer individualidade.” (ELIOT, 1989)

Escute:

O telefone foi patenteado *no mesmo dia* em dois continentes diferentes. Charles Darwin *jamais* teria publicado seu máximo “Sobre a origem das espécies”, porque seu pai era pároco, ele só o publicou porque um colega seu chegou à mesma conclusão 15 anos depois de Darwin tê-lo escrito. No final, como era de costume na Era Vitoriana – e até hoje – o orgulho falou mais alto, e Darwin publicou-o. Mas isso não importa.

Acha que Einstein pensou *sozinho* a Teoria da Relatividade?

Naturalmente, tu ligarás a TV e terá acesso a documentários dizendo que “Einstein era iluminado”, que “David Gilmour era excepcional”, ou que “Fulano era um gênio e *só ele* teria pensado nisso”. Isso te fará pagar duzentos e cinquenta reais para ver Roger Waters, como se ele fosse um Deus.

“Enfim, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo ele ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer "isso foi escrito por tal pessoa", ou "tal pessoa é o autor disso", indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status” (FOUCAULT, 2006)

Por mim, tudo bem, cada um faz o que quer com seu dinheiro.

O problema dessa doutrina é que ela tende a separar o Zé e Charles Darwin como se eles fossem diferentes até em matéria. MAS NÃO. Jung afirma, sobre as idéias, em “O Eu e o Inconsciente”: “As maçãs de ouro caem da mesma árvore, quer sejam colhidas pelo insano aprendiz de serralheiro ou por Schopenhauer” (JUNG, 2011).

Para mim, pouco importa onde essa árvore fica, e de onde vêm as maçãs de ouro: o importante é que, em algum tempo, em algum momento, mais maçãs vão cair para nós todos. É tudo uma questão de tempo, acaso, e, é claro, de espontaneidade.

Parte IV – O Tempo e a Espontaneidade no Processo de Criação

“ – Tudo é como o oceano – gritou Dostoiévski. Eu digo que tudo é como celofane”

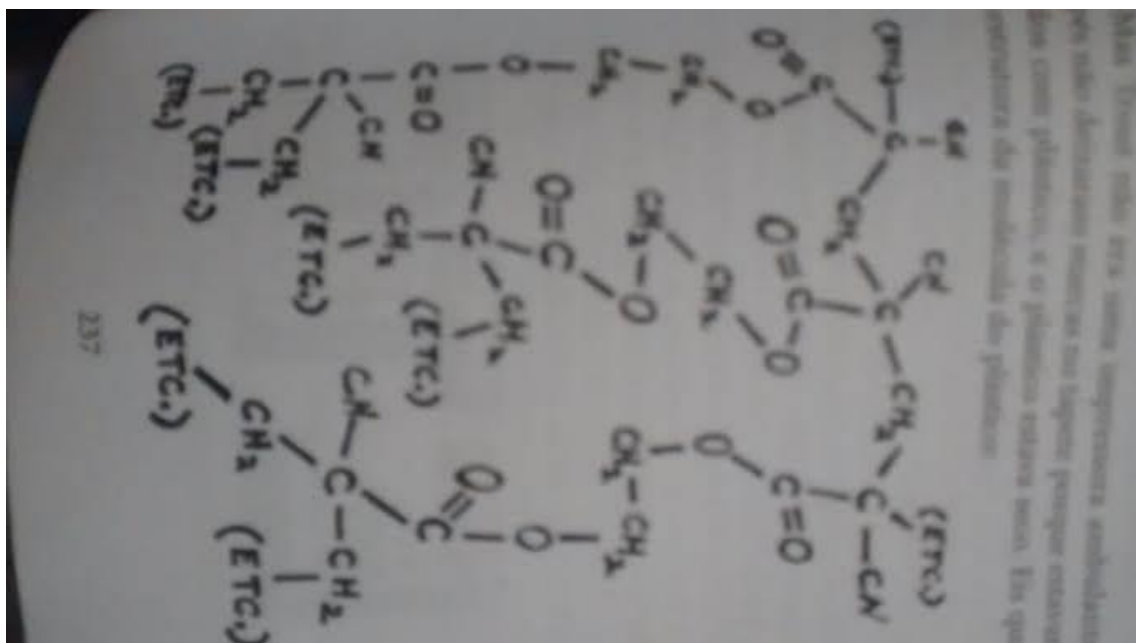
Kurt Vonnegut

Como eu já afirmei antes, não existe criação sem uma experiência subjetiva do tempo. Nesse trabalho, descrevo tal experiência mais ou menos como a técnica do Cut-Up de Burroughs: recortes aleatórios de momentos. A importância desse paradigma inclina-se para profanação da linearidade, e o desprezo a análises ligadas a causa e consequência. Um entendimento da temporalidade nos estreitos moldes do início-meio-

fim acaba tomando um formato individualista, valorizando um processo em detrimento de outros, e violentando todos os outros inícios, meios e fins.

Dito isso, atento para a concepção vonnegutiana de que “a vida agora é um polímero no qual a Terra está empacotada de modo apertado” (VONNEGUT, 2009). Esse polímero, casualmente um celofane, começa e termina com a abreviação da expressão que significa uniformidade sem fim: **ETC.**

Mais ou menos assim:



A metáfora de Vonnegut aponta diretamente para a multiplicidade: não há início, não há fim. Tudo é continuidade. Esse processo, segundo o próprio Vonnegut, descentraliza protagonismos: mais ou menos o que eu quis dizer ao citar a árvore das maçãs de ouro, de Jung. A mesma ótica pode ser apresentada para a noção de tempo, onde passado e futuro só terminam onde ambos se encontram: agora (VIEIRA, 2006).

A humanidade é uma cadeia de carbonos cercada de uniformidades sem fim.

À primeira vista, todas essas uniformidades sem fim podem indicar *uniformidade demais*. Como se a humanidade não mudou nada ao longo de seus séculos de civilização. Mas digo que não mudou mesmo. Como já falei, a noção de *progresso* é ilusória, ao passo que não há um ponto de partida e nem uma linha de chegada. Muito

embora os franceses não defequem mais nos corredores do Palácio de Versalhes como faziam no século XVII, e muito embora estejamos viajando de avião ao invés de carroças, nós como raça humana seguimos nos esfaqueando como sempre fizemos desde tempos imemoriais.

Jung, em “Símbolos da Transformação”, aponta para o fato de nos julgarmos mais inteligentes do que os homens da Antiguidade. “O primitivo não é nem mais lógico nem mais ilógico do que nós. O que é diferente são os pressupostos de que parte. É isso que o distingue de nós” (JUNG, 2011).

Olhamos para trás com pavor, para todo o sangue derramado nas cruzadas. Sofremos uma perda cultural inestimável com a aniquilação dos povos americanos nas colonizações. O holocausto, até hoje, é tabu. Não obstante, logo ali, em 1992, fuzilamos inúmeros presos desarmados no Carandiru. Ora, não precisamos sequer ir tão longe a ponto de voltar à década de 90. Em média são exterminados mais de 40.000 jovens negros no Brasil por ano, e eu não vejo muita gente branca se importar. Se algum dia desistirmos de fuzilar e aniquilar negros e índios, e olharmos para trás com pavor dos dias em que fazíamos isso, dando um nome bonito e comprido para mais uma longa era de muito sangue de minorias derramado, provavelmente será porque acharemos outro grupo de infelizes para balear.

Infelizmente, parafraseando Glauber Rocha: “Nossas classes médias e burguesias são caricaturas decadentes das sociedades colonizadoras”. Se o Cazuzza tivesse pensado um pouco mais antes de dizer “enquanto houver burguesia não vai haver poesia”, ele na verdade teria dito “O tempo não passa”.

É justamente aí que reside a importância do método vonnegutiano. A narrativa fundamentada no paradigma do celofane faz com que não hajam heróis e vilões, nem personagens principais e coadjuvantes. Há múltiplos protagonismos, horizontais em relevância e independentes entre si. Se a idéia do celofane pressupõe uniformidade sem fim, apontando inexoravelmente para a repetição, ela também aponta para a saída desse modelo repetitivo, através do múltiplo protagonismo e horizontalidade.

Mas onde entra a “Espontaneidade” e o “Processo Criativo” nas violências que cometemos no dia-a-dia, desde os tais “tempos imemoriais”, e por que insistir na importância do tempo nessa miscelânea?

“O objetivo de todo artista é deter o movimento, que é vida, por meios artificiais, mantendo-o fixo, de modo que, cem anos depois, quando um estranho olhar para aquilo, ele se movimentava de novo, por ser vida.” (FAULKNER, 2011)

Nos idos anos de 1970, o diretor de cinema Stanley Kubrick se frustrava na tentativa de fazer um filme exclusivamente sobre o holocausto. O processo o deprimiu, enquanto entre tentativas e erros ele via-se impotente frente à atividade de retratar tal marco tão sangrento na história humana. Consumido pela idéia, ele desistiu, e se recolheu.

Mas, assim como T.S. Eliot afirma em *Traditional and Individual Talents*: “Na despersonalização, a arte pode ser aproximada à condição de ciência” (ELIOT, 1989). E, também, Duchamp, em *O Ato Criador*: “Quanto mais perfeito o artista, mais completamente separados estarão nele o homem que sofre e a mente que cria” (DUCHAMP, 2004). Alguns anos depois, surgiu a Kubrick a idéia de fazer um filme sobre o romance de Stephen King, chamado *O Iluminado*.

A primeira vista, *O Iluminado* parece ser um *thriller* qualquer de horror, dirigido por um aclamado diretor, com uma cenografia contextual/*cult*. Na verdade, *O Iluminado* trata muito sutil, porém intensamente, sobre violência e a perpetuação dessas relações baseadas em sangue, herança e poder. O diretor deixa incontáveis pistas e alusões indiretas ao holocausto, e algumas mais diretas em relação aos massacres dos povos indígenas norte-americanos pelos colonizadores. O filme não só se deita sob uma profundidade descomunal na abordagem desses temas, como também contém descrita a possibilidade de escapada desses ciclos de opressão.

Assim como no decorrer desse trabalho eu falo sobre o homem ser um instrumento de sua idéia, o personagem Jack Torrance é apenas um instrumento na perpetuação das relações que mantém. Ele é um senhor bêbado que agride seu filho e oprime a mulher, assim como seu pai foi um senhor bêbado que agredia seu filho e sua mulher, assim como o pai de seu pai foi um senhor bêbado, e por aí vai. Ele é uma peça, um elo de uma longa corrente de irlandeses.

O título “O Iluminado” se refere justamente ao seu filho, Danny. Ele é iluminado porque rompe essa corrente, justamente por habitar e confrontar ambos seu passado e seu futuro. Danny é um exemplo de protagonismo na ruptura dos etecéteras da humanidade. Não só ele acessa seu passado com consciência e vividez, como é guiado pelo seu futuro eu, nos obscuros tempos de Hotel Overlook.

A cena final metaforiza bem ambos os papéis, quando Danny é perseguido por seu pai em um labirinto que transborda em neve. A criança se dá conta que não conseguirá fugir de seu pai enquanto ele acompanhará sua trajetória através de suas pegadas, suas marcas no chão. Uma vez consciente, ele dá meia volta, re-faz seus passos de trás para frente, e se esconde em outra ramificação do caminho. Jack Torrance simboliza o velho, o ultrapassado, quando, desorientado, se perde no labirinto, fadado a se tornar um animal, urrando pelo escuro, congelando em dada parte do trajeto. O labirinto simboliza a história, e a neve, o tempo. Danny representa o novo, a ruptura. Uma vez ciente de que seus passos marcam o compasso e cada momento de uma trajetória, ele é capaz de romper uma lógica herdada involuntariamente.

Hannah Arendt fala sobre uma das parábolas de Kafka, sobre um homem chamado Ele, e seus dois adversários, o Passado e o Futuro:

Ele tem dois adversários: o primeiro acoisa-o por trás, da origem. O segundo bloqueia-lhe o caminho à frente. Ele luta com ambos. Na verdade, o primeiro ajuda-o na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para frente, e, do mesmo modo, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, uma vez que o empurra para trás. Mas isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas os dois adversários, mas também ele mesmo, e quem sabe realmente de suas intenções? Seu sonho, porém, é em alguma ocasião, num momento imprevisto – e isso exigiria uma noite mais escura do que jamais o foi uma noite – saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência de luta, à posição sobre os dois adversários que lutam entre si. (ARENDR, 2000)

O que Faulkner atribui a criação e ao ato de criar, sobre deter e tornar fixo o mo(vi)mento, é justamente aplicável ao tempo vonnegutiano: a eternização do momento e o protagonismo na luta entre passado e futuro. É o que Danny faz, em O Iluminado, no labirinto, com a forma dada por Kubrick. É a constante e incessante criação de nossos

atos no dia a dia, atentando para a não reprodução e perpetuação da violência, já que nossos atos e ações serão pegadas eternas na gelada neve do tempo. O rapper brasileiro Sabotage foi muito preciso quando colocou o homem em três pontos do tempo, tanto o opressor, quando oprime, quanto o oprimido, fadado ao crime como única forma de subsistência: “Do ano 2000 pra frente, homens do passado, pisando no futuro, vivendo no presente” (SABOTAGE/BLACK ALIEN, 2001).

A nossa não escolhida herança, de violência, machismo, racismo, preconceito, intolerância e meritocracia, surge como o homem do passado, assim como um dos dois homens que lutam na parábola de Kafka. Ela é factual e inegável. Aliás, ela está ali para ser notada. Não há como deixar de notar essas marcas em nosso solo e subsolo, se tem-se um mínimo de preocupação em relação às pegadas futuras. A vivência no presente, a que Sabotage e Black Alien se referem, é justamente uma contrapartida à fatídica expressão “Carpe Diem”: o momento não é passageiro, ele sempre será eterno, de acordo com a ótica vonnegutiana. Alguém que vive só no presente – um não tempo – é alguém que esqueceu de habitar seu futuro e seu passado, e que, portanto, está propenso a oprimir. Pior ainda, pode oprimir e sequer ter se dado conta, a exemplo de Kerouac, em *On The Road*, um livro de linda narrativa, de poesia e rupturas inúmeras, de jovens abertos à liberdade e à vivência pura do momento, mas que tratam mulheres como lixo.

A base do processo criativo, assim como do próprio ato de criar, está justamente na ocupação de todos os tempos. Ao mesmo tempo, é claro, que o artista é produto de seu tempo. E o protagonismo que exerce na eternização do momento é também exercido por quem acessa, e movimenta, a obra em si.

Além de ação, esse movimento também exerce um papel de resiliência fundamental. Kurt Vonnegut desenvolve seu conceito de tempo justamente em *Matadouro 5*, obra que trata de sua vivência na Segunda Guerra Mundial, e de tentativa de dar um sentido e uma direção ao que viu, tanto nas trincheiras quanto em um dos campos de concentração. Estamira, completamente empoderada pelo seu discurso, resiste e cria a partir da sua realidade marginal, dando uma nova ótica e concepção das formas de produzir sujeito, saúde, sociedade e assim por diante.

Parte V – Um Geraldão do Trabalho

Eu sou levado a crer, nesse momento, carregado pelo processo de escrita, que este é um fim de TCC. Como leitorx, debes ter percebido o aspecto saltitante e itinerante da temática. Um breve “considerações finais” deve ser mais ou menos assim também. A vida é breve demais para ater-se demais a um assunto só, ou para matar passarinho com tiro de canhão. Este trabalho, sem a escrita da Introdução, começa com “Parabéns! Você está aqui”, e provavelmente terminará com “ETC”.

Isso porque um assunto leva a outros, que levam a outros, e por aí vai. A escrita termina com um ponto final, mas amanhã ela continuará. A vida, as ruas, o mundo, são feitos de reticências, três pontinhos, “...”. Se eu fosse um adepto do minimalismo, meu TCC consistiria apenas da primeira e da última expressão: “Parabéns! Você está aqui, ETC”.

Mas como escrevi tudo isso, e cheguei até aqui, vale a pena fazer o que diz o título da Parte VI: “Um Geraldão do Trabalho”.

De início, debatemos um pouco sobre sujeito, tempo e espaço, sabendo que, como disse Eliot, “Nenhum poeta e nenhum artista de qualquer ofício produz sentido integral sozinho”, e que é impossível pensar em sujeito sem pensar em seu tempo. Tempo esse que é o que é e vai sendo sem ser, sempre.

Para discorrer e dissolver sobre esse sujeito, falamos de Jung, e da autonomia das idéias, para dizer que pessoas são idéias, e que, inevitavelmente, a recíproca é verdadeira. A idéia, embora seja fruto de seu tempo e nada autoral, é viva e independente. O enaltecimento de seus autores como seres excepcionais e geniais é apenas uma prática de um modo de produção doente e consumista, que atenta para a forma mais fácil de vender *qualquer* coisa.

Quando escrevi aquilo, estava realmente crente de que não havia gênios no mundo. Hoje, tenho certeza de que os gênios são justamente aqueles que não foram reconhecidos, os invendáveis, os marginais da história e do tempo. Mas isso é pano pra outro trabalho.

Em seguida, tratamos um pouco de falar sobre o método Cut-Up de Burroughs, como auxiliar na criação da Engrenagem Imprópria, e método de criação a partir do

espontâneo e do improvável através da distorção e desapropriação de relações causa-efeito e linearidade ou causalidade temporal. O aprendizado pelo método de Burroughs traz a desmistificação da noção de progresso através do tempo, o que nos coloca na ótica vonnegutiana do celofane, e dos múltiplos protagonismos implicados em uma visão de mundo descentralizada e descaracterizada, cercada de uniformidades sem fim. O que acabou me levando a falar do papel do ato de criar na ruptura da perpetuação de opressão em toda e qualquer relação, e como o processo de criar também traz consigo o protagonismo e a resiliência.

“Astral imprevisível como um ataque cardíaco no verso.
Violentamente pacífico, verídico. Vim pra sabotar seu raciocínio”
(RACIONAIS MCS, 1997)

E haveria muito mais para falar, mas também há muito mais a ser lido, assim como sempre haverá muito mais a ser dito, feito, pensado, etc.

Referências Bibliográficas:

ARENDDT, Hannah. Entre o Passado e o Futuro. São Paulo: Perspectiva, 2000.

As Entrevistas da Paris Review, vol. 1 / tradução Christian Schwartz, Sérgio Alcides – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BORGES, Jorge Luis. História da Eternidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRYSON, Bill. Em Casa: Uma Breve História da Vida Doméstica. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BRYSON, Bill. Uma Breve História de Quase Tudo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARROLL, Lewis. Alice's Adventures in Wonderland. London: Penguin, 1994.

DUCHAMP, Marcel. O Ato Criador In: BATTCKOCK, Gregory. A Nova Arte. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELIOT, T.S. Ensaaios. São Paulo: Art Editora, 1989.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Lisboa: Nova Vega, 2006.

JACOBI, Iolande. Complexo, Arquétipo, Símbolo. São Paulo: Cultrix, 1990.

JUNG, Carl Gustav. A Natureza da Psique. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

JUNG, Carl Gustav. O Eu e o Inconsciente. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. O Livro Vermelho. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

JUNG, Carl Gustav. Símbolos da Transformação. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

LEHRER, Jonah. Proust foi um Neurocientista: Como a Arte Antecipa a Ciência. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2009.

MC'S, Racionais. Sobrevivendo no Inferno. São Paulo: Gravadora Cosa Nostra, 1997.

PELBART, Peter Pal. O Tempo Não-Reconciliado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

SABOTAGE; ALIEN, Black. O Rap É Compromisso. São Paulo: Gravadora Cosa Nostra, 2001.

VIEIRA, A. G. (2006). A função da história e da cultura na obra de C. G. Jung. Aletheia, 23, 89-100.

VONNEGUT, Kurt. Café da Manhã dos Campeões ou Adeus Segunda-Feira Blue. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2005.

VONNEGUT, Kurt. Matadouro 5 ou Cruzada das Crianças. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2005.